ANO 2.º LISBOA—QUARTA-FEIRA, 24 DE MAIO DE 1922 N.º 348

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

DISSE-SE algures—e o boato chegou até aos jornais—que o sr. Velhinho Correia será, dentro em breve, julgado em Conselho de Guerra por virtude do processo mandado instaurar contra ele pelo governo Maia Pinto quando da publicação, no *Diario de Noticias*, de certos documentos tidos como segredo de Estado.

Não é bem assim. O que ha a tal respeito, segundo informações que buscámos em boa fonte, é o seguinte:

O processo está seguindo seus tramites, e não ha, até agora, qualquer decisão que mande definitivamente, ou arquivá-lo ou ser julgado em Conselho de Guerra—as duas unicas soluções legais que, pelos modos, podem ser adoptados no caso.

O sr. Velhinho Correia, como ele proprio declarou em tempo, prefere que o tribunal o julgue a que o processo se arquive.

* * *

NUMA furna, junto á Ponte Nova do Casal Ventoso, a policia da esquadra dos Terremotos encontrou catorze bombas.

Quem as poz lá? Com que fim?

Estas duas preguntas, contamos que fiquem sem resposta, porque a sociedade em que vivemos nem sequer se interessa por conhecer o pensamento e a acção dos seus inimigos. Quando ha explosões, tapa os ouvidos.

Este gesto de medo basta-lhe para se defender.

A indiferença, perante o perigo, é um sinal de covardia, neste caso.

* * *

O NOSSO camarada do *Diario de Noticias*, chefe do quadro de revisores, espirito estudioso e muito culto, sr. Antonio da Costa Leão, acaba de publicar um seu novo trabalho intitulado «Camilo e o Povo fora dos dicionarios». E' um explendido subsidio para o lexico português, e oferece um interesse indiscutivel aos letrados.

* * *

RECEBEMOS o n.º 10—60e année—da *Revue Bleu*, colaborada por Émile Bourgeois, Camille Julian, Adolphe Boschot, Maurice Ansiaux, B. A. Williams, M. A. Chasteigner, Dumont-Wilden, Lucien Maury, Gaston Rageot, Louis Dimier e H. Jelinek.

* * *

PARTIRAM ontem para Bordeus, onde vão tomar parte na Conferencia Vinicola, os srs. dr. Lobo Alves, por parte da comissão de viticultura do Douro, Alvaro de Lacerda e Carlos Schimit, pela Associação Comercial de Lisboa, e Alvaro Galrão, pela Federação dos Sindicatos do Centro de Portugal.

* * *

JOSÉ Dias Sancho, espirito de artista, camarada de jornalismo, publica agora o seu segundo livro da serie *Idolos de barro*. É uma apreciação toda pessoal, *charge* inofensiva e cuidada de uma das nossas mais discutidas individualidades literarias: Julio Dantas. É um livro, pois, tambem para discutir.

* * *

NÃO tem fundamento a noticia ontem espalhada do sr. dr. Augusto de Vasconcelos abandonar o P. R. L.

O nosso colega a *Lucta* dá hoje uma nota oficiosa ácerca desta noticia.

LISBOA OCULTA

Cremos que foi Tacito que escreveu nos *Anais*, referindo-se ás torpezas de Roma, que esta cidade vivia principalmente na treva, pois as suas assembleias, o seu senado, as suas ruas, os seus teatros, as suas termas, os seus templos e os seus ginasios davam dela uma ideia enganosa.

De Lisboa pode dizer-se o mesmo — quem a julgar pela aparencia, que aliás é cada vez menos simpatica, ilude-se. O que se vê fica muito áquem do que se não vê.

Há elegancias que encobrem miserias, sinceridades que são a mascara da mentira, dedicações que só aguardam a hora da traição, talentos que se comprazem no erro.

Encontrámos não há muito, numa livraria do Chiado, um ilustre medico que nos disse um pouco mais ou menos:

—Não se iluda com os espectaculos que Lisboa oferece á nossa curiosidade e á nossa contemplação. A verdade nem sempre sobrenada: temos que buscá-la nos esconderijos onde ela se resguarda contra a baba venenosa dos hipocritas.

As obras do Rossio não são nada, em face das ruinas morais que se recatam, receando a luz que tudo purifica. Lisboa, que já antes da fundação da monarquia, em pleno dominio mourisco, era celebre em todo o Islam pelos seus vicios, degrada-se cada vez mais.

Morreu o seu romantismo que Ramalho, Eça e Fialho apontaram ao riso e á execração das turbas. Hoje impera o egoismo, na sua forma mais sordida. Decompõem-se as noções e principios, as maximas e os mandamentos em que acreditaram os nossos pais.

Os homens libertos de peias e entraves sentem-se á vontade, para dispensarem a consciencia.

Exteriormente, parecem seguir caminhos que não vão ter a nenhum descampado, mas não é assim, visto que os nossos horizontes alargam-se ou estreitam-se com os nossos passos, e estes palmilham sempre terras desertas e malditas».

Sem nos referirmos especialmente á politica que obedece a mobeis, frequentemente inconfessaveis, pois a oratoria serve para ludibriar as multidões ingenuas, coloquemo-nos no terreno dos nossos costumes e consideremos o que se passa.

Aquilo que antigamente se chamava a virtude não sugere já um simples desejo de perfeição. Os virtuosos são em geral os que perderam o sentido do momento em que vivemos: a vida é para eles o palido clarão dum astro que desaparece.

Os instintos é que nos governam. Não ha aspirações nem esperanças, porque ninguem se sente com força para sacrificar o presente ao futuro.

O aldeão que outr'ora entrava num templo participava da alegria universal: a sua alma vibrava no côro das eternas crenças humanas.

Actualmente os proprios chefes de Estado ignoram o que é mandar. Depois de acabada a escravatura, renascem os escravos. Quem impera não é ninguem, porque é toda a gente. Quando alguem pretende ser um rei, dentro do seu proprio ser, constata que é vassalo dum soberano sem juizo. E' por causa disto que os chamados livres-pensadores nunca conseguiram dominar o seu pensamento, que se cansa, desvairado, só para não querer reconhecer que a liberdade é um facto que lhe escapa.

A dignidade dos cães

—Não a olhes assim, ... por um homem, o que ...

AS pernas das nossas actrizes de revista começam a desnudar-se. Estamos no inicio de grandes revelações.

Dantes, timidamente, só se mostravam braços e colos que os olhos percorriam para chorarem condoidos sobre tão palidos alabastros.

A crise das subsistencias vem prejudicando muito estas exibições. A plastica das mulheres correlaciona-se com uma boa alimentação.

Ontem, porém, na revista «Tiro ao Alvo», no ultimo quadro, se não estamos em erro, a jovem actriz Judite de Sousa, que o nosso *Diario de Noticias* chama um amor de rapariga, apresentou á admiração do publico umas pernas fortes, solidas, que muito hão de concorrer para refrescar as almas sequiosas de perfeição.

* * *

O sr. Couceiro da Costa, ministro de Portugal em Berlim, começa a convencer-se de que a imprensa lhe deu bons conselhos, um pouco antes de ser transferido de Madrid para o seu actual posto.

—Que não fôsse—dissemos-lhe nós.

Teimou, mas agora já dá a mão á palmatoria, vendo-se incapaz de corresponder ás esperanças dos que o protegeram e assopraram. Ao regressar a Lisboa, possa ele encontrar o repouso que necessita, para meditadamente descobrir a nova senda que ha de trilhar.

Que falta fazem os conventos!

* * *

EM goso de licença partiu hoje no *expresso* para Paris, o sr. ministro da França em Lisboa.

S. ex.ª teve uma despedida muito afectuosa, vendo-se na *gare*, entre outras pessoas, os srs. Costa Dias, representando o sr. ministro dos Estrangeiros, dr. Gonçalves Teixeira, dr. Julio Dantas e Santos Tavares, chefe do protocolo do ministerio dos Estrangeiros.

* * *

ESTAMOS agora em ocasião favoravel para se organizarem grandes partidos —diz-se. O democratico é enorme. O liberal desejaria igualá-lo. Se esta ambição se realizasse, a nossa politica seria um optimo jardim para pachás.

* * *

REUNE hoje á noite, na séde do directorio, o grupo parlamentar do P. R. P.

Igualmente reune a comissão executiva do directorio do mesmo partido.

* * *

A BORDO do *Carvalho Araujo*, partiu hoje, a fim de fazer a reportagem do *raid*, o nosso distinto camarada do *Seculo* sr. Mario Salgueiro.

* * *

NA Imprensa Nacional realiza-se ámanhã uma «festa da espiga» que tem um objectivo simpatico: matar a fome aos cabo-verdeanos e aos russos.

* * *

Á MESA da Camara dos Deputados têm sido enviadas representações em que o professorado primario de diversos pontos do país solicita a discussão rapida da proposta ministerial que modifica os horarios escolares—e pede que se mantenha o feriado ás quintas feiras.

A EXPOSIÇÃO DO RIO

O pessoal do Comissariado

Os funcionarios que, requisitados aos serviços publicos, não puderam ser dispensados, estão a servir no Comissariado Geral são apenas 33 e não a legião a que têm aludido várias pessoas que muito se interessam pela causa publica.

Sucede ainda que estes 33 funcionarios não recebem quaisquer vencimentos pelo Comissariado Geral e apenas continuam a receber os vencimentos a que tinham direito pelos serviços publicos a que pertencem.

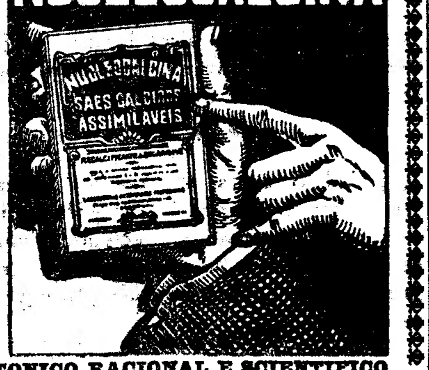
Pelos citados 33 funcionarios estão distribuidos todos os complexos serviços do Comissariado Geral, serviço de secretaria, serviços de propaganda, serviço de contabilidade, serviços tecnicos, projectos e execução dos pavilhões, fiscalização em 14 oficinas de Lisboa que estão executando trabalhos para os mesmos pavilhões, assistencia aos expositores em todo o país para a melhor e mais perfeita apresentação dos produtos, decorações gerais dos pavilhões, instalações electricas para iluminação e fornecimento de força motriz para maquinas a expôr em movimento, serviços de transportes, expedição, despacho e recepção, armazenagem, seguros, embarques, etc., etc.

E' de notar que sendo a maior intensidade de trabalho do Comissariado justamente o da preparação para a Exposição, isto é, o que resulta da propaganda a realizar nos territorios da Republica, trabalho de construção dos pavilhões e da recepção dos produtos dos expositores até ao seu envio para o Brasil, se tudo isso se tem feito em Portugal com 33 funcionarios, significa que um numero muito menor deles basta para o que haja a fazer no Rio do Janeiro. Portanto só uma parte daquele numero terá realmente que fazer no Brasil e só essa parte é a que ali irá.

Mas além de funcionarios publicos, indispensavel era ao comissariado, para varios dos serviços, ter ao seu dispôr auxiliares tecnicos e pessoal braçal. Por uma questão de economia, o Comissariado tem procurado obter esse pessoal entre as praças da armada. Alí foi portanto buscar electricistas, mecanicos, guardas para os seus armazens em Lisboa onde já tem mostruarios e material que valem centenas de contos, e pessoal que lhe faz todo o serviço de carga e descarga de milhares de toneladas de mercadorias e material que está sendo recebido na Alfandega e que tem de enviar para o Brasil.

Este pessoal da armada continua recebendo os vencimentos a que tem direito pelo ministerio respectivo, nenhuns outros recebendo pelo Comissariado. 15 sargentos e 32 praças constituem esse pessoal auxiliar, e há apenas um mês, porque só agora ele era necessario.

NUCLEOCALCINA



TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos
nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18 — Praça dos Restauradores — 18

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa

◄LYOL►
(Topico oxygenado)
CURA:
FERIDAS — ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇÕES DE PELE

FARMACIAS:
LISBOA — R. N. de Almada, 88
PORTO — R. dos Clerigos, 36

O MEU JORNAL

Pagina de dentro

POR

Norberto de Araujo

"Do Amor", como ele nem sempre é

Antigamente — e não muito antigamente — a Mulher amava e não nos vinha cantar de amor.

Amava em segredo. Não que o amor fôsse um pecado; mas era pecado vulgariza-lo. A Mulher, mesmo, sentia-se na necessidade de defender o seu amor dos olhos do mundo.

O Amor era um pouco como a carne que se não mostrava. E como era linda a maneira de vestir daquele tempo! Que ceu, uma nesga de seio que se descobrisse. Carne e amor — eram duas hostias sagradas, só para os Eleitos.

Hoje o amor está nas montras dos livreiros. Vulgarizou-se como um conhecimento util.

A primeira mulher que encantou, cantando o Amor, foi a Alcoforado. Nem Santa Tereza de Jesus com seus amores misticos entrou tanto no respeito dos crentes. A' soror seguem-se agora estas outras sorores profanas, seculares, distintas, que fazem versos de Amor, onde dizem cantar tudo o que passou por ela e o que deixou de passar, como se falassem, singelamente da graça dos cisnes em maravilhosos lagos ou da altivez elegante das pavôas, de cauda azul e ouro, perdidos pelas sombras de imaginarios bosques.

* * *

É belo ver afirmar o Amor ás mulheres, agora que os homens o negam. Sim; é belo.

Mas será ele verdadeiro? Não será antes o Amor que as mulheres cantam, em versos delicados como renda, um sonho da sua fantasia literaria?

Não será só Arte os livros «Do Amor», como este que eu tenho aqui de D. Laura Chaves, e outros formosos que pejam as namoradas montras?

Não será tudo mentira? Não será, no livro, o amor uma ficção tão caprichosa como dentro do proprio album feminino de pequeninos amores, já sem azas, educados no bom tom, despidos das lagrimas do rimance?

Inclino-me a que assim seja, para honra das mulheres. Parece que as autoras de versos de amor — amaram muito pouco. Leram o amor nos outros, estilizaram-no, deram-lhe um ar de si proprias, inventaram um homem, uma desilusão — e eis o livro.

O amor é para elas um *bibelot*, uma coisa que se faz, por prenda, como se fazia renda, e se faz hoje pintura a pastel e gravura em estanho.

Pequeninos felinos angoras, sentimentais e felizes, elas — vêmo-nos nós homens obrigados a acreditar — fizeram do amôr um novelo de linha de seda, com que brincam, com que se enleiam. Mas em qualquer caso, uma especulação literaria feita á roda de um sentimento que ás Mulheres, mais do que a ninguem, devia merecer respeito...

* * *

Mas isto vem a proposito do livro *Do Amôr*, da escritora distintissima que é D. Laura Chaves. Visto assim, só como Arte, o seu livro é bom. Feito na escola de D. Virginia Vitorino, com um outro ritmo menos doce, menos amôr lá dentro, menos ambição de ser escrava, o livro que tenho á vista é todavia menos insexual, e mais livre, mais rico de paizagem, que aquele que lhe serviu de padrão. Poetisa das mais distintass no segredo da beleza do ritmo, D. Laura Chaves fez um lindo livrinho.

Inspiração tocada de ternura, a ela eu peço uma restea de bondade gentil para me ser perdoada, nas generalidades que tracei, a pontinha de impertinencia que a autora, certamente lhe vai descobrir.

Musica

Compositores portuguezes

Como filhas da Beleza, sempre a Arte e a Caridade gostaram de juntar-se para estabelecer á volta dos que sofrem, como á volta dos que gosam, uma atmosfera luminosa de conforto material ou espiritual.

A festa que ontem se realisou no teatro Nacional mais uma vez veiu provar quão intima é a união das duas forças e como, unidas, elas sabem tocar de um sereno encanto e de uma graça palpitante todas as iniciativas a que se ligam. Foi o caso que quiz a senhora D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso trazer para a luz do dia a obra mais ou menos conhecida dos nossos compositores musicos, dando á sua iniciativa o mais simpatico intuito que seria possivel encontrar — a protecção ás escolas para crianças pobres, da presidencia da senhora condessa de Sabugosa. Resultou que, em razão da situação de relevo que na nossa boa sociedade ocupa a ilustre senhora organizadora da festa e ainda pelos pergaminhos artisticos de que, com rasão, pode orgulhar-se, ao teatro Nacional acorreu ontem uma assistencia brilhante e numerosa, composta de aristocratas, de diplomatas, de artistas, de intelectuais e... de «snobs».

E' dificil dar ideia, a não ser de uma forma geral de todos os numeros da encantadora festa, cujo programa era extensissimo.

Na impossibilidade de fazer uma noticia completa traço umas notas apenas, ao de leve.

Como num «film» de actualidades, passam numa sequencia caprichosa, como autores e como executantes, os mais variados generos de figuras de artistas:

Luis de Freitas Branco. Linha fidalga, cortezia diplomatica, fusão de modernismo e *vieille-roche*. Professor e artista. Vem dizer-nos na elegancia facil da sua erudição natural algumas palavras sobre a historia da nossa musica. Fala de três periodos importantes — provençal, escola de Evora e italianista.

Refere-se mais demoradamente ao segundo, detendo-se nos seis importantes compositores que mais brilhantemente o ilustraram, entre os quais figura o grande Duarte Lobo.

Falando do ultimo periodo, vem até aos autores modernos, aludindo a alguns dos atuais e esquecendo delicadamente o seu nome, que deverá ser colocado na fila dos primeiros.

Botelho Leitão. Cabeça romantica, *grand monde* e talento privilegiado que trás para as teclas toda a alma vibrante de um grande artista que morreu — Lima Fragoso.

Berta Leite. Sombras nos olhos, luminosidade na voz.

Pedro de Freitas Branco. Face rapada de *gentleman*, voz de veludo, maneiras de côrte. A ideia dos poetas ganha na sua interpretação.

Irene Gomes Teixeira. As suas mãos têm sido cantadas em prosa e em verso. Onde o D'Anunzio que as imortalise em *Gioconda* ou Luisa Bacara?...

Alice Rey Colaço. Voz de oiro e atitude de santa Melancolia e espiritualidade. Brilhante continuadora de uma dinastia de artistas.

Laura Wake Marques. Voz de rouxinol, talento de compositora, amiga da poesia das coisas simples. Muito aplaudida nos meios elegantes.

Elisa Baptista de Sousa Pedroso. Perfil de medalha, alma captiva das emoções raras. Mãos pequeninas habituadas a dominar sonoridades. Vive numa atmosfera de admirações onde grandes artistas infiltram de alma ajoelhada.

O seu talento não se dispersa, guarda-se para as *élites* onde floresce, lançando á sua volta os alicerces de uma academia aristocratica.

Herminio do Nascimento. Grande cabeleira, talento subtil e permanente bom humor. Açambarcador de vozes. A mocidade das escolas canta toda sob a sua batuta. O seu *orfeon* põe uma das notas mais brilhantes na festa de ontem.

Além dêstes, muitos outros nomes enfloram ainda o programa. São talentos consagrados como Carlos Dubbini, Tomás Borba, Oscar da Silva, David de Sousa, Flaviano Rodrigues, Tomás de Lima, João Arroio, Fernandes Fão, Alfredo Keil, Rey Colaço, Luis Costa, que executou de proprio as suas composições de piano; Augusto Machado, Viana da Mota, João Passos, condessa de Proença a Velha, etc., etc. e mocidades radiosas, cheias de promessas, palpitantes de audacia, como Maria Antonieta Lima Cruz, Armando Leça, Ivo Cruz e outras que nos dão aos seus lugares de sol talento todo a medida da emotividade portuguesa fundindo-a nas melodias requintadas das formas academicas ou nos temas nostalgicos do *Fado*, estilização fatalista do pensamento da Raça.

Cortados alguns numeros em razão do adeantado da hora, o programa executa-se na melhor ordem, com muita felicidade, sendo alguns dos interpretes especialmente ovacionados, sobretudo a senhora D. Elisa Pedroso, que todas as vezes que entra no palco como solista ou como acompanhadora é acolhida com prolongadas salvas de palmas, sendo-lhe oferecidos lindos ramos de flôres.

Oliva Guerra

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
chocolate e torradas
Rua 1.° de Dezembro

MUNDANISMO

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Joana da Rocha Leite Monteiro, D. Sofia Meireles de Canto e Castro, D. Maria Isabel de Mendonça Cirne e D. Rita de Lima Mayer.

E os srs.:

Marquês de Lavradio, D. Salvador Vaz de Almada, João Jorge Moreira de Sá, Duarte Herculano da Silveira e Silva.

Casamentos

Foi ha dias pedida em casamento, para o sr. Sebastião de Carvalho Parreira, pelo sr. Antonio Pina Vieira, a senhora D. Maria Emilia Ferreira Palhares, gentil filha do sr. Julio Palhares.

Festejando esse acto realizou-se na residencia dos pais da noiva um «chá», que decorreu sempre debaixo da maior animação e alegria.

Pontos de reunião

No Chiado Terrasse

Revestiu grande brilhantismo a noite de ontem neste elegante teatrinho, onde se estreian a nova companhia de revista sob a gerencia de um nosso antigo colega na imprensa sr. Luís Belo, distinto cronista mundano que nas colunas dos antigos jornais «Correio da Manhã», «Diario da Manhã» e «A Nação», o seu nome ficou bem vinculado. Luís Belo, com quem trabalhámos durante alguns anos, trocou a vida dos jornais pelos teatros, tendo exercido durante os ultimos anos o secretariado da empresa proprietaria do Salão Foz, actualmente é o gerente do elegante teatrinho Chiado Terrasse que estamos certos dirigirá com aquela proficiencia que todos lhe conhecem, fazendo voltar esse teatro ás antigas noites de outr'ora em que o Chiado Terrasse era o ponto de reunião de toda a nossa melhor sociedade mundana.

Assistindo ontem á sua inauguração vimos as senhoras:

[illegible] Soares, D. Maria de Lourdes [illegible] de [illegible] Thompson, D. Maria Antonia [illegible] Placido, D. [illegible] Coutinho, D. Laura [illegible], D. [illegible], D. Rita Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. [illegible] Esteves da Fonseca, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Maria Henriqueta [illegible] Costa, D. Maria [illegible] Fernandes Costa, D. Maria Antonia Tedeschi Placido de Melo Breyner (Mafra), D. Maria Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Angelica Machado Taveira, mademoiselles Castro, etc.

Recita elegante

No Nacional

Neste teatro deve subir á scena amanhã, pela primeira vez, o «Auto dos Faroleiros», o novo original da ilustre poetisa senhora D. Branca de Gonta Colaço, que está despertando no nosso meio mundano extraordinario interesse. Em vista do grande numero de pedidos de bilhetes para esta recita, a gerencia do teatro Nacional resolveu dar três primeiras noites, como é de uso nos teatros lá de fora. De amanhã em diante será o teatro Nacional o ponto de reunião de tudo que de melhor tem a nossa aristocracia.

Damos em seguida alguns nomes de pessoas que já têm bilhetes para estas recitas, que decerto vão marcar [illegible]:

D. [illegible] da Mota Vieira Marques, viscondessa de [illegible], D. Henriqueta de Oliveira [illegible] de Almeida, D. [illegible] de Sousa Pedroso, D. Maria Madalena [illegible] Martel Patricio, D. Maria Luisa San[illegible] Querio, D. Maria Augusta de Sam[illegible], D. Suzana Garcia Sagastume, D. [illegible] Branco Aranha, D. Elisa Diogo [illegible], D. [illegible] de Abreu Caro[illegible], D. [illegible] Ana Portocarrero da Camara Mesquita, D. Maria [illegible] Cisneiros Machado da Cruz (Quelhas), D. Maria [illegible] de Magalhães, D. Virginia Vitorino, D. Alda de Sousa Monteiro, D. Alice Lopes de Almeida, Francisco [illegible], Albino Abranches, Jorge Leal, João [illegible], Henrique Santareno, Armando de [illegible], etc., etc.

[illegible]

[illegible] ha dias na elegante residencia da sr.ª D. [illegible] de Jesus de Sousa Holstein de Ornelas e Vasconcelos, e do sr. conselheiro Aires de Ornelas e Vasconcelos, um explendido «chá» organisado pelas sr.as D. Maria João Zarco da Camara (Ribeira Grande) e D. Eugenia de Sousa Holstein Brandão de Melo, o qual decorreu sempre debaixo da maior animação e alegria.

Percorrendo as salas viam-se as sr.as:

Duquesa de Palmela e filhas, marqueza de Castelo Melhor e filhas, condessas das Alcaçovas e filhas e de Bobone e filha, viscondessa de Asseca e filha, D. Francisca de Melo Breyner Cabral da Camara (Belmonte), D. Maria Domingas da Camara Nogueira (Paraty), D. Maria Francisca e D. Maria de Lourdes Meuron de Araujo Rebelo de Andrade, etc., etc.

VERSOS

MAU PRESAGIO

POR

Marcos Manoel

Unge a Noite em seu corpo a tragica aparencia,
No Atlantico sem fim, das nevoas e dos mastros...
Pela concha do Azul em tremula ignescencia
Sonolenta lucila a palpebra dos astros.

Sente-se a alma do Oceano e a bruma dos seus rastros
Segredar, no silencio, intima confidencia...
E entre a nevoa subtil dos glaucos alabastros
Interroga o Destino a sua propria Ausencia...

Veleu a Noite a face e na penumbra, a medo,
Como se em si vibrasse um tragico arvoredo,
Passa, sibila e écôa um vento de naufragio...

Como um lasta de sombra eis que o silencio aflora
Emquanto tristemente e em cada alma, agora,
Num agoiro murmura um subito presagio...

Osiris

Morre Osiris emfim no rubro ceu do Egipto.
Na arena do Crepusculo em purpuras, ascende
Set, que erguendo o astral deadema que esplende
Alcança e passa e assola a encosta do Infinito.

Sobre a Terra que enluta, o labaro maldito
Silencioso, espectral, impavido, desprende...
Roja a planicie á luz que tremula se rende.
No calido silencio o corpo de granito.

Na penumbra que vence, a noite, silenciosa,
Abre na face vã a glacial nubelosa
Sonolenta e lunar, dos seus olhos dispertos...

Morre Osiris emfim... E em tragico abandono
O seu sangue de Heroi côr dos poentes d'outono
Inunda rubro e triste os ariais desertos.

Marcos Manoel

SONETOS

Do livro "Poemas"

— DE —

Guilherme de Faria

E' sempre noite no meu ser... A luz
Jámais, dentro de mim, alvoreceu!
E, como Cristo, eu tenho a minha cruz,
E só a Dôr, em mim, amanheceu!

Meu coração, tambem como Jesus,
Num calvario de duvidas—morreu!
Sem alma, sem amor, sem crença e luz,
Tudo, dentro de mim, anoitaceu...

Só minha alma precoce e incompreendida,
Olha, a chorar, gelada de pavor,
A singular tragedia desta vida!

A ninguem, neste mundo, tenho amor!
E, ante a Morte sinistra e dolorida,
Aperto ao peito a cruz da minha Dôr!

Oh Mar!—sou teu irmão! Tumultuoso
Assim como tu és, vasto, sem fim,
E como tu solene e doloroso,
Eu sinto um Mar rolar dentro de mim!

Nele, ondas correm sem cessar, assim
Como em ti, velho Mar tempestuoso!
E é como tu soberbo e desdenhoso,
O Mar que sinto uivar dentro de mim!

Tambem irrompe, ás vezes, temporal,
Dentro de mim, inquieto e desigual...
E o Sonho e a Esp'rança—tudo cai no Mar...

E eu rezo e choro: «Oh Mar! a tua agua
E' gemea e qu'rida irmã da minha magua!
Vive, como ela, eterna, a soluçar!»

E a tarde cai
Em lagrimas de além e de tristeza...
E, no Mar, o Sol vai
Expirando com pompa e com grandeza...

Hora triste e mágoada como um ai!
Hora saudosa, eterna e portuguesa!
(Avé-Maria... Avé Maria...) E cai
Mais profunda e nostalgica, a tristeza.

Choram, dentro de mim, versos de Antero,
Emoção, Genio, Dôr e Desespero,
Tudo ajoelha, solemne, pra rezar.

Impassivel, o Sol vai esmorecer...
—Quem me dera, meu Deus, tambem morrer,
Para, ámanhã, no azul—ressuscitar!

Ainda no bizarro mês de Abril,
E já o outono aqui, no coração!
—Falta-me a crença vivida e gentil
Que é irmã da Alegria e da Ilusão!—

E emquanto tudo ri, primaveril
Aos outros como eu—doce ilusão!—
A vida é para mim—inda em Abril!—
Só nocturna e soturna escuridão!

Falta-me a luz, a luz resplandecente,
Que a todos dá a fé viva e ardente,
Que a todos dá a graça de viver!

Há só sombras em mim... E, abandonado,
Vou passando na vida, desgraçado,
Sem jámais me poder compreender!

Soneto da minha ansia

Subir! Subir! Subir!—Eis o ideal
Unico desta vida de imperfeito!
Quero subir, meu Deus! Tenho o direito
De subir! Que, em minha alma de imortal,

Sinto, ás vezes, doirada e triunfal,
Uma luz singular! E sou perfeito
Embora sinta o Mar dentro do peito!
Sou divino, supremo e desigual!

Então ulula o vento da loucura...
E a voz eterna e clara da Aventura
Chama por mim, gritando, sem cessar...

Subir! Subir! Subir! Hei-de subir!
Que, em minha alma, Senhor!, 'stou já a sentir
Uma sombra de genio a perpassar!

VERSOS

OS MEUS DEDOS

POR

Gusmão Araujo

Tenho os dedos gelados, meu amor! Adoeceram os meus dedos, estão doridos os meus dedos!

Puz-me a beijá-los para ver se os aquecia, mas ai! a minha boca ficou gelada tambem e os meus dedos ficaram doridos e doentes como estavam!

Olho para eles como se fossem dois lirios cortados e postos sobre um esquife!

Vou arranjar vestidos para os meus dedos. Quero levá-los a passeio, dar-lhes sol, pô-los a beijar o sol para ver se aquecem, os pobrezinhos!

Repara, meu amor! O sol adoeceu de frio tambem. Deu-lhe o mal dos meus dedos frios e os meus dedos agora vestidinhos de verde como numa festa de bonecas ficaram doentes e frios como estavam antes de irem a *passeto*.

Vou dar os meus dedos á tua boca para que os beije. Talvez assim fiquem belos e ardentes como a tua boca.

Olha, agora, meu amor! Os meus dedos como estão lindos e rosados! Beija-os mais, beija-os muito, loucamente, beija-os sem parar, meu amor!

Domingos de Gusmão Araujo

NACIONAL Telef. N. 3049
A'manhã — 25 de maio

7.ª recita de assinatura (Première A)—Primeira representação do original, em duas jornadas, de D. Branca Gonta Colaço

AUTO DOS FAROLEIROS

Trechos musicais de Herminia do Nascimento
Guarda-roupa de Castelo Branco
Primeira representação do original, em um acto, de Carlos Selvagem

CAVALGADA DAS NUVENS

Ensceneção de Augusto de Melo
Desempenho de todos os artistas deste teatro
Scenarios de Campos & Oliveira

Sexta-feira, 26—Première B—Rendez-vous da Sociedade Elegante

Hoje não ha espectaculo

EDEN-Teatro
Companhia Espanhola Barreto Bellester
HOJE—Ás 21 horas (9 da noite prefixas)
5.ª Recita de assinatura

Duas zarzuelas do «Genero Chico»

LA MARCHA DE CADIZ

EL NINO JUDIO

obras genuinamente espanholas

Os espectaculos da Companhia Espanhola começam rigorosamente, ás horas marcadas

Ámanhã — 6.ª recita de assinatura **Los Papiros**, dos irmãos Quintero, musica de Pablo Luna — Grandioso sucesso em toda a Espanha

POLITEAMA
Empresa Luis Pereira
Telef. N. 3026 A's 21,30

COMPANHIA
Amelia Rey Colaço — Robles Monteiro

Ultimas representações

AZAS QUEBRADAS

Depois de ámanhã—Recita de Angela Pinto **O REGRESSO**

Teatro Chiado Terrasse
HOJE — ás 8 1|2 e 10 1|2 — HOJE
O maior sucesso da actualidade

Tiro ao alvo!

Graça Beleza Actualidade
DESLUMBRANTES SCENARIOS
Rico guarda-roupa

2 — GRANDIOSAS APOTEOSES — 2

Theatro São Luiz
HOJE
Quarta-feira, 24 de Maio — ás 9,15
RECITA ELEGANTE
Dedicada pela empresa aos seus cronistas mundanos CARLOS DE VASCONCELOS E SÁ e CARLOS DA MOTA MARQUES
Ultima representação esta epoca da opereta

A BONECA

Protagonista: AUZENDA DE OLIVEIRA
Um acto de variedades
em que tomam parte gentilmente os distintos artistas D. Sofia Santos, D. Aldina de Sousa, Sales Ribeiro, Alfredo de Sousa, Mario Campos, Vasco Santana e o maestro Cruz Braz
Bilhetes á venda

TEATRO SALÃO FOZ
Empresa Artur Emaus
COMPANHIA OTELO DE CARVALHO

Hoje, em duas sessões

Recita dos autores **Xavier de Magalhães** e **Lourenço Rodrigues**, com a sua graciosissima revista

Piparote

TEATRO APOLO

Vai dar as suas ultimas representações a sensacional revista

BELO SEXO

Hoje ainda se repete. Não falta lá quem quizer passar uma noite divertidissima.

AVENIDA
PENULTIMO ESPECTACULO

Perola Negra

COLISEU DOS RECREIOS

Uma estreia sensacional num unico espectaculo

Mais uma novidade artistica, vai o Coliseu dos Recreios apresentar ámanhã ao publico de Lisboa que certamente manifestará por ela o seu agrado como o tem feito o publico das principais capitais da Europa: a da notabilissima cançonetista e originalissima transformista mexicana Zoronda la Bella que, a par de uma interessantissima figura de mulher, é uma artista extraordinaria, possuidora de uma bela voz, fazendo as suas magnificas transformações á vista do publico e executando um repertorio musical de uma formidavel beleza. Todos devem pois admirar a celebre artista que, de passagem por Lisboa, regressada da America do Norte, apenas dará um unico espectaculo.

As estreias do Condes

São o melhor reclamo do elegante cinema

Sabe o nosso publico amador das boas sessões cinematograficas quanto no Condes se prima pela selecção dos seus admiraveis programas. As suas constantes estreias são o melhor reclamo do elegante cinema. A de ontem, «A Verdade», em 5 partes, interpretada pela grande actriz Madge Keunedy, é na verdade um soberbo «film», que tanto prende pelo emocionante interesse do seu entrecho como pela sua explendida «mise-en-scène». Agradou imenso e repete-se hoje na «soirée» da moda.

Outros «films» notaveis do programa desta noite, que já para sexta feira proxima nos anuncia nova estreia: «Casamento de Figaro» e a hilariante comedia de Charlot «Um dia delicioso».

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

"DIARIO DE LISBOA" Vende-se, em Paris, na "Portugaise Publicité", Boulevard Magenta, 30

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Cronica-sorvete

Perdi ontem quarenta minutos atraz dumas pernas. Antes: os minutos é que se perderam, porque eu encontrei uma sensação nova contemplando-as. Vou descrevê-las para que se não diga—a leitora é tão ironica!—que eu desbarato o meu tempo e as minhas pernas, na perseguição de pernas que não valem uma unha da minha mão direita.

Vi-as descer dum automovel no Rossio. Tanto bastou para que subissem aos meus olhos e me descessem ao coração. Tais quais, só as tinha observado ainda em ilustrações francesas—recheios da fantasia uberrima de artistas do lapis, vincados a traço para viverem uma semana na meia de seda do papel «couché».

Nasciam finitas dos promontorios dos artelhos e iam avultando, em curva suavissima, até ao cabo da Boa-Esperança dumas ligas azul-electrico, adivinhadas através duma saia de tule que maravilhosamente desempenhava o papel de hipotese. Segui-as sem esperança de defender tese. Segui-as—porque seguiam adeante de mim. Tic-tic, elas foram caminhando Avenida acima—Avenida acima do meu sonho. E o meu sonho, sempre perseguindo-as por zonas, como se á companhia dos electricos pertencesse, passou Alexandre Herculano, a Rotunda, o Matadouro...

Eu não me fatigava. Espicaçava-me a certeza de que aquelas pernas esculturais teriam para mim um termo — o termo da residencia da sua proprietaria.

Apercebi a certa altura numa das meias côr de malva, transparentes como fechaduras sem chave, um pequenino rasgão circular, discreto, provocante, a desvendar o veludo branco da epiderme. Um dia-santo, um dia-santo para a dona—comentei.

Palavras não eram pensadas — estavamos na Praça Duque de Saldanha — marchou ao encontro das pernas seductoras, um capitão façanhudo, com cara de ter feito parte dos dois cercos a Lisboa e de ser muito capaz de fazer cerco a uma dama.

O cavalheiro media com olhos precisos de craveira militar o meu metro e cincoenta e tantos de altura (eu sou mais baixo do que o dr. Sousa Costa) compoz um parecer furibundo, e eu, para não causar embaraços ao governo, cai da craveira do meu sonho, estatelei-me na realidade, esqueci o poder sugestivo dos axiomas fisicos que eram aquelas duas pernas divinais. Fiz «volte-face». Saltei para um carro que passava e, quando o conductor me preguntou, seguindo á risca a delicadeza preconisada nos avisos da companhia—P'ronde é que você vai?—respondi sufocado:

—Para a Baixa.

E o meu coração latejante, dizia:

—Pernas?! Para que vos quero?!

Sarmento Duque

LÊR NA 2.ª PAGINA:

D. Laura Chaves

autora do livro «Do Amor» a que se refere a

"PAGINA DE DENTRO"

— POR —

NORBERTO DE ARAUJO

PRATAS
A PESO, SEM FEITIO
6, RUA DA PALMA, 12
OURIVESARIA QUE TEM UM PAVÃO

CAPA E BATINA...

Um tipo de Coimbra QUE DESAPARECE

A MORTE DE FRANCISCO DE ALMEIDA RIBEIRO O "ESTATA"

Morreu o Estata. Os senhores, quando souberem quem ele foi, hão de ter pena...

Chico Estata guardava, na barbicha ruivaça e na perene bebedeira, com mais uma ou duas figuras de estampário antigo, a tradição boémia da Coimbra que não estuda.

Sileno bom, quasi beato, um gabão roçado que não sei quem lhe dera, fazia recados, voltinhas, mandaletes ligeiros dos militares para a Trindade:—vais num salto ao Fonseca com este cobertor; passas ali no Castelo e dizes ao sr. Pinheiranda...

Era assim. Honradamente.

Então, sempre se arranjavam umas cedulas. Para quê?

—Ora para que ha de ser, sr. doutor... O Estata não é bebedo.

E não era. Ele bebia vinho — mas não era bebedo. Vivia á borda dos copos ensarrados, sim, mas como um donzel de lenda ouvindo os amores velhos, na surdina suavissima dos buzios... Bebia. Lembrava. E era assim, lembrando, que esquecia...

Não conheci o Estata nas horas ruidosas de moço, ruivo como um piloto do Norte e agil e pronto para o que désse e viesse. Quando cá cheguei e vi a sua figura noctambula, disseram-me, como a todos os caloiros, que era aluno de matematica. Matriculavam-no por misericordia. Mas assim, quasi roto, chinelante? Então, que queria eu... Desgostos.

Desgostos—era como explicavam.

E, daí, talvez fossem os desgostos que fizessem o Estata matematico... Grandes figuras, figuras da sua estirpe gandaieira e tristinha, haviam honrado fora das vistas de Minerva a certa Sciencia de contar os numeros. Zé Cego desenvolvia o polinomio de Newton e sabia o latim de uma oração de sapiencia. E antes da Razão e da Enciclopedia, quando mal borbulhava a arte do calculo entre os graves escrupulos canonicos, muito Estatas, por certo, Estatas na desventura e na incompreensão das turbas, se ralavam a jogar as aritmeticas, as leis e as algebras, contrariados pelos teologos muito amparados a Deus...

Chico Estata tambem era obrigado a dizer que não bebia:

—Eu? Oh, sr. doutor, o Estata não bebe.

Intimamente, depois, corrigia. Como Galileo, sabendo que a terra não estava parada ou fosse que o seu odre não passava sem vinho, Estata amigo aliviava o decilitro e ia resmungando numa careta de satiro:

—No entanto, *si muove*...

—Não querias, mas já cá está...

O Estata! Ele, a bem dizer, não era Estata, mas Francisco de Almeida Ribeiro. *Statuquo ante, porém—e seja Estata*...

Parece que nasceu em Coimbra, e isto porque bastas terras do termo, scientes da sua gloria, disputarão no futuro o berço de tão grande vulto! Foi soldado de artilheiros: «Que tempo; que tempo, sr. doutor!» Ele foi na expedição até Macau, serviu as armas do Barão de Cadoro. Ora esperem. Vamos a vêr se me lembro... «Era um vapor que saía da barra, num dia tal e qual como o de hoje, ensoalhado, senhoras vindo ao cais com flores para o nosso tenente. Muitos dias passámos por cima desse mar, louvado Deus! Estrelas iam no alto picando, a carneirada abria-se á gente como colchas, e sempre o sabre limpinho e o cintnrão a luzir. Isso é que era alegria, sr. doutor; isso é que era tempo! Lembro-me que depois de Alexandria era Port-Said. O estreito... A' esquerda, o comboio de Jerusalem...»

E aqui, Estata estava a modo esquecido.

O alcool tomara-o de conta, esgaseando-lhe os olhos, Jerusalem para trás... Mais dois decilitros—e era o Mar Vermelho...

Concluir, é que não. Aden, se tanto—e ficava.

—O sr. dr. é que vê isso nos mapas...

Porque o resto, para ele, era a Historia Tragico Maritima d'ele mesmo. A sua vinda por aí abaixo, naufragio vinicola de Sumatra ou 6.ª relação dum novo Gomes de Brito, em que se fala das avarias da nau S. Paulo...

O resto era a miseria.

Graças a Deus, os *srs. doutores* nunca faltavam com nada, e houvera sempre p'r'ó vinhito, graças a Deus... Graças a Deus, houvera...

E foi isso o mal.

Ultimamente o Estata endoideceu. Andava pelas ruas como parvo, entretendo soliloquios longos. E não queria leite quando lho davam com piedade:

—E' veneno, sr. doutor, é veneno. Arrede-se daí... olhe, olhe, olhe... E' veneno... Safa, que é veneno!

Veiu o hospital e foi na hora em que floriam as rosas bravas. Por lá gemeu dois dias, três dias, cantou de cisne e não bebeu mais vinho... Morreu. O brioso espirito da Academia poupou o Estata ao escalpelo barbaro dos *semi-pretos*, que apresentavam na manhã seguinte ao passamento a região antero-lateral do torax... Poupou-o e deu-lhe um caixão. Lusco-fuscando, o servente *de vela* foi acomodando o Estata no seu beliche, para aquela expedição que não era a do Barão de Cadoro, mas em que se veria talvez, como na outra, o comboio de Jerusalem, á esquerda... E senhoras não foram com rosas, como ao nosso tenente...

* * *

Com Chico Estata quasi se fecha a galeria. Fica a Maria Marrafa (1) ouvindo missas por alma dele, que até já é a Madalena arrependida... Fica a *Marquesa* ditando a moda e amando como George Sand. Fica o Herminio. O Estata encobriu agora mesmo, glorioso, depois de ter, como «as armas e os varões», dilatado a fé e o imperio... Vai sem rosas mas vai ruivaço e vai *fixe-fixe*, o que para ele era tudo.

Fixe, sr. doutor, *fixe!*

Ora, não... Chico Estata até é *fixe* na morte...

Vitorino Nemésio

(1) Sobre Maria Marrafa, sua vida e obras, vid. sr. dr. Hipólito Raposo, *Livro de Horas*, livraria França Amado.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado
"Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 509
Londres—56, Ludgate Hill

Os Teatros

A "prémière" do Nacional

Realisa-se ámanhã no Nacional um espectaculo digno do maior registo. Representar-se-hão dois originais saidos das penas de duas pessoas ilustres e pelos quais o publico, especialmente o publico ilustrado e culto, espera ansiosamente. «Auto dos Faroleiros», de D. Branca de Gonta Colaço, será uma peça deliciosamente enternecedora, recheada de lindissimos versos, como só os sabe fazer a ilustre poetisa, herdeira do estro de seu pai. «Cavalgada das Nuvens», a primeira peça de Carlos Selvagem, é um episodio tragico da derrota de Alcacer-Kibir que o seu autor atira para o tablado com toda a realidade. Na primeira peça entram todos os artistas da Companhia e a segunda será desempenhada por Eduardo Brazão, Joaquim Costa, Clemente Pinto, Ilda Stichini e Laura Hirsch.

Recita do actor Antonio Paiva

Realisa ámanhã a sua recita, no S. Luis com a ultima representação de «A Boneca», o actor Antonio Paiva, artista com largos anos de trabalho, consciencioso, honesto e dedicadissimo. O espectaculo é oferecido á Albergaria de Lisboa, a cuja instituição o festejado destina uma parte do produto da recita.

A companhia Lucilia Simões

Por telegrama recebido hoje em Lisboa sabe-se que a companhia de que fazem parte as distintas actrizes Lucinda e Lucilia Simões e o brilhante escritor sr. Antonio Ferro chegou ante-ontem ao Rio de Janeiro. Esta noite, segundo o mesmo telegrama, deve a companhia estrear-se no Teatro-Palace com a peça «Uma mulher sem importancia».

Atrás do reposteiro

Avelino de Almeida está traduzindo, com destino á Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, a peça *Las Flôres*, dos irmãos Quintero.

— O actor Salvador Costa, que realiza no proximo domingo a sua recita no Porto, dedicada aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, termina o seu contracto com a Companhia Luz Veloso no final do mês corrente, passando a fazer parte da de Nascimento Fernandes.

— No proximo domingo realiza-se no Salão da Liga Naval o Recital de Canto promovido por D. Adelaide Lima Cruz.

— Foi contractada pelo empresario Antonio Macedo a actriz Adelina Fernandes.

— Afinal, Sofia Santos Gomes não sai da Companhia Armando de Vasconcelos. Saem apenas o maestro Gomes e a actriz Beatriz Baptista.

— Um dos numeros novos que os autores do *Piparote* escreveram para a festa artistica da gentil actriz Laura Costa, é um interessante terceto da maior actualidade.

— Depois da Companhia Espanhola Barreto-Ballester, o Eden-Teatro voltará a ser explorado com animatografo.

— A Companhia Nascimento Fernandes, que fará a época de verão no Sá da Bandeira do Porto, segue para o Brasil no mês de Setembro.

— Foi entregue ao Salão Foz uma revista dos autores do *Talisman*, Antonio Torres e Fernando Ferreira.

— Estão adiantadissimos os trabalhos do novo teatro Maria Victoria, que vai funcionar no Parque Mayer.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional — Não ha espectaculo.
S. Luis — A's 21 — «A Boneca».
Politeama — A's 21,30 — «As Azas quebradas».
Avenida — Ás 21 — «Perola Negra».
Apolo — Ás 21 — «Belo Sexo».
Chiado Terrasse — Á's 20,30 e 22,30 — «Tiro ao Alvo».
Eden-Teatro — A's 21 — Companhia espanhola de sarzuela.
Salão Foz — A's 20,30 e 22,30 — «Piparote».
Coliseu dos Recreios — Não ha espectaculo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos — Ás 20,30 — Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

Um retrato de Luís Fernandes

A comissão organizadora do IV Congresso Internacional de Turismo, realizado em Maio de 1911, em Lisboa, vai entregar á Sociedade de Propaganda de Portugal, depois de ámanhã, ás 9 horas da noite, o retrato de Luís Fernandes, seu falecido e prestante colega.

Cobrador mal comportado

Constantino de Amorim, rua da Rosa, 44, sendo empregado do sr. Arnaldo Luiz Nunes, rua Victor Cordon, 24, 4.º, foi receber em nome do patrão uma conta de 2.100$00, gastando o dinheiro em seu proveito. A policia prendeu-o.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

NO TEATRO CHIADO TERRASSE

"TIRO AO ALVO..."

revista de Luís de Aquino, X. de Magalhães e L. Rodrigues

Musica original dos maestros Hugo Vidal, Del-Negro e Portela, marcação de Rosa Mateus

A calixtagem que ha muito tempo ensombrava os espectaculos do Chiado-Terrasse foi ontem definitivamente escorraçada pela deliciosa «remette» «Tiro ao Alvo». Diga-se desde já, visto que é indispensavel dizê-lo sob pena de ser injusto, que o trabalho de Luís d'Aquino, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues agradou e foi premiado com aplausos calorosos por uma plateia exigente como todas as que assistem a primeiras representações. E se os autores do poema conseguiram ser extremamente felizes, não o foram menos os autores da musica, Del-Negro, Hugo Vidal e Raul Portela, que compuzeram e coordenaram trechos, saltitantes como convêm a peças do genero. Da scenografia se ocuparam com muito brilho Salvador, Mergulhão, José d'Almeida e Eduardo Reis.

O guarda-roupa da Empresa Materiais de Teatro é perfeito e por vezes deslumbrante.

«Tiro ao Alvo» possue espirito, fantasia, leveza e uma primorosa marcação do actor Rosa Mateus que, se pouco tem que dizer na revista, muito teve que fazer e com quota importante contribuiu para o sucesso obtido.

Fale-se do desempenho que bem o merece o afinado grupo de artistas que a empreza contractou. No Terrasse não ha «estrela». Ha «estrelas», uma constelação de actrizes atraentes pela graciosidade, pela boa disposição e pelos seus meritos artisticos exteriorisados com uma modestia que encanta.

D. Maria de Lourdes Cabral, olhos fulgurantes, figura graciosa, conquistou o publico, mercê das suas graças e da sua voz arrebatadora. D. Julieta Rodrigues, que interpetra alguns numeros de caracter diferente, soube ser artista, imprimindo-lhes desenvoltura e tirando partido da sua alegria. D. Angelita Gonzalez, gentilissima em todos os seus papeis, captivou os espectadores que carinhosamente a aplaudiram. D. Dina Pereira, excelente na «Maricotas», revelou qualidades que lhe garantem logar de relevo em qualquer companhia bem organizada. Em D. Judite de Sousa vê o cronista uma actriz de belo futuro. Citem-se ainda os nomes de Isaura Rocha, Maria Odette e Mily Portela.

Silvestre Alegrim, ha tempos arredado dos palcos lisboetas, foi recebido como o filho prodigo. No «compére» Valente Rocha, alcançou aplausos vibrantes. Dizendo com expontaneidade e graça natural, Alegrim, que é um dos nossos primeiros actores comicos, triunfou mais uma vez. Santos Carvalho, de quem os criticos por vezes se esquecem, interpretou três rabulas e em todas elas demonstrou não ser um actor vulgar. João Silva Junior, no «Belezas», apresentou um tipo cuidadosamente observado e cantou com arte e intenção. Um novo, Antonio Rosa, foi soberbo no terceto do «Aeroplão», quatro vezes bisado. A mencionar ainda Jaime Zenoglio, Armando Ferreira e a bailarina Charly, que muito animou a representação da revista.

Balanço final: O tiro acertou em cheio na «mouche».—*S. D.*

CAMBIOS
DIA 24

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	64$000	66$000
Londres, cheque	4 3|16	4 1|6
» 90 d. v.	4 5|16	—
Rio Londres	7 19|32	—
Paris	1$163	1$200
Italia	$662	$684
Belgica	1$076	1$110
Suiça	2$460	2$540
Espanha	2$055	2$117
Berlim	$020	$047
Holanda	5$005	5$165
Nova-York	12$880	13$290
Austria	1	3
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1.200	1.300

A CAMINHO DO BRASIL

O 'Carvalho Araujo'

largou hoje do Tejo levando a bordo o "Fairey 17"

Uma anecdota do marinheiro que estava de plantão á gazolina

A partida do Carvalho Araujo, *levando a bordo o* Fairey 17, *constituiu um emocionante espectaculo, dando uma visão gloriosa, cheia de côr e de entusiasmo, de presepio da nossa gente do mar e do nosso povo, em terra.*

O Carvalho de Araujo *vai a estas horas pelo Oceano fora. Vai com ele todo o espirito da nossa raça, e com esse espirito toda a certeza de que este terceiro avião vai proporcionar a Gago Coutinho e a Sacadura Cabral o fecho triunfal da sua maravilhosa travessia do Atlantico.*

A's 11 horas o sr. capitão-tenente Cisneiros de Faria, comandante do «Carvalho Araujo»—marinheiro ás direitas, afavel e disciplinador, a uma tempo—vem a terra, de grande uniforme, cumprimentar o sr. Azevedo Coutinho.

A's 11 e meia é o sr. ministro da Marinha, á paizana, levemente curvado, ele marinheiro tambem, que vai a bordo.

Sobre a tolda do cruzador está de mistura com a marinhagem mulheres do povo, mães e mulheres dos marujos, que vieram á despedida. Em baixo ha familias de oficiais.

O Ministro, acompanhado do comandante da Aviação Maritima, sr. Moreira de Carvalho, que segue viagem, e do engenheiro belga, faz a sua visita ao hidro avião, que está á popa, as azas ao alto, fechadas, ao longo do corpo, como num insecto que repousa.

Este *Fairey* tem, para nós profanos, um aspecto de mais segurança que o anterior. Talvez sugestão, das pinturas novas. Os flutuadores, vazios, não eomportarão gazolina. A gazolina vai num tanque muito bem aparelhado junto ao motor.

Na camara do comandante ha um cerimonial de champagne. O Ministro e o comandante do navio fazem afirmações patrioticas. Alguns oficiais dizem palavras.

Mas o meio dia já passou, e o sr. Azevedo Coutinho sae.

As saudações entre os capitães Muzanty e Cisneiros de Faria —A telegrafia sem fios

No quadro de bordo estão os seguintes expressivos telegramas:

«Para o cruzador português «Republica».—Fernando Noronha.

Peço em nome de todo o pessoal do «Cruzaraujo» («Carvalho Araujo») saudar aviadores. Meu navio pronto seguir 8731. Motivo preparação avião. Velocidade 14 milhas, em escala por S. Vicente, 6 horas de carvão. Pessoal «Cruzaraujo» tem seguido a acção do «Republica» com comovida admiração, envia saudações.

Cisneiros, comandante.»

A este telegrama respondeu o «Republica»:

«FERNANDO NORONHA, 20, ás 15. —«Cruzaraujo, Lisboa.—Comovidissimo agradeço saudações e palavras imerecidas meus sinceros votos felicidade sua missão.

Muzanty, comandante.»

* * *

Diante do quadro desfilam os marujos, que lêem os telegramas com comoção, recordando os camaradas do outro cruzador, citando factos, viagens juntos, num á vontade de comentarios, e até de «charges», cheias de graça, que o jornalista surpreende com enternecimento.

Na cabine da telegrafia, o navio fala pela telefonia com Monsanto. O *Carvalho Araujo* leva um potente posto radio-telegrafico. Pode falar a mais de mil milhas. Este posto foi fornecido pela casa Marconi, e a toda a sua montagem assistiu o ilustre oficial comandante Nunes Ribeiro, director do posto de Monsanto.

Um copo de "Porto" aos camaradas

Já longe o gazolina do ministro, o ilustre comandante do navio tira as dragonas e despe-se um tanto da gala do uniforme. A' sua roda estão agora alguns camaradas, a quem ele deu o braço, entre eles o comandante Isaias Newton, o oficial aviador Santos Moreira, o capitão-tenente Moreira de Carvalho, o tenente Azevedo e Silva, que nos lembre. O nosso camarada, que se encontrava a bordo, recebeu tambem convite para aquele desabafar intimo de gente do mar.

E' um ágape de camaradas, com Porto de 1830 em vez de *Champagne*. O capitão-tenente sr. Cisneiros de Faria brinde aos aviadores e á marinha, afirma a sua fé no sucesso da *étape* dos seus camaradas. As suas palavras são cheias de nm entusiasmo moço; adivinha-se nele o seu orgulho de marinheiro.

—A dois, ou o mais tardar a três de junho estarei em Fernando Noronha. Que ansiedade dc abraçá-los...

Este *los* são Sacadura e Gago Coutinho.

O tenente aviador sr. Santos Moreira brinda a Cisneiros de Faria e á tripulação do «Carvalho Araujo».

O nosso colega Norberto de Araujo afirma a confianca do país na boa estrela que ha de guiar o «Fairey», levado de Portugal a mares do Brasil num navio de portugueses.

Nesta altura, o sr. Pedro José de Moura, comandante do Sport Algés Dafundo, fez entrega de uma mensagem para ser entregue aos aviadores.

O «Carvalho Araujo» está pronto a partir.

«Não se pode fumar!» —observa o marujo Manuel Joaquim Pereira ao seu comandante

Sairam da camara todas as pessoas. O comandante ficou para trás e passeia agora, fumando despreocupadamente, junto aos depositos da gazolina. O marujo que está de plantão, um alto e tisnado, Manuel Joaquim Pereira, diz-lhe:

—Meu comandante! Já disse a v. ex.ª ha bocado que aqui é proibido fumar-se!

Cisneiros de Faria não diz uma palavra; deita ao mar o cigarro. Mas vê-se que ficou satisfeito.

São horas da largada, que não se efectuou ainda porque houve a fazer umas ultimas obras no suporte do hidro-avião. A's 13 quem não segue, salta para os rebocadores. Na amurada o jornalista sr. Mario Salgueiro, que segue a Fernando Noronha.

O «Carvalho Araujo» elegantemente entra a movimentar-se, dá a volta, passa junto da terra, muito junto, singrando como se fosse um gazolina por entre pequenos navios, e entre aclamações, num entusiasmo vibrantissimo, *como nunca*, silvos dos navios, bandeiras, lenços brancos de cachos de povo nos cais e nos pontos altos—toma o caminho da Torre de Belem.

A Torre de Belem é sempre um ponto de referencia nestas coisas em que a Patria tem os olhos enternecidamente postos.

Desapareceu em menos de um quarto de hora.

AMANHÃ, DE MANHÃSINHA...

A FESTA DA FLOR

vai encher a cidade de lindas mulheres e de rosas

O "Diario de Lisboa" ouve a senhora D. Maria Antonia Placido de Melo Breyner

Ámanhã, quinta-feira da espiga, mal romper o sol, a cidade encher-se-ha de alegria e de côr.

As senhoras mais lindas de Lisboa, as mais distintas, as mais fidalgas, percorrerão as ruas, aos bandos, numa cruzada de caridade e de amor.

A Festa da Flôr é das que marcam, todos os anos, pela sua graciosidade, pelo seu encanto. E o povo olha enternecidamente, agradecidamente, essas senhoras que, abandonando a sua vida, os seus salões, vêm beijar a rua por amor dos outros, dos que sofrem, dos que se acolhem á sombra protectora da piedade cristã.

Procurámos hoje, na sua casa da rua da Luta, a sr.ª D. Maria Antonia Placido:

—V. ex.ª pertence á comissão organizadora da Festa da Flôr?

—Sim. Fui convidada pela sr.ª D. Sofia de Melo Breyner—a alma desta festa. Mas já lhe mandei dizer...

Não posso aceitar. Saio de Lisboa daqui a duas horas...

—Em todo o caso v. ex.ª podia dizer ao *Diario de Lisboa*...

—Teria muito praser nisso... Mas fale antes com minha filha, Maria Antonia, que me ficou substituindo nesse belo encargo de pedir para os que sofrem.

A sr.ª D. Maria Antonia Placido Melo Breyner, vinte e dois anos—parece-nos—, rosto alvissimo a destacar-se no negro do vestido, surge na sala, e, num á vontade pouco vulgar para os jornalistas, esquiva-se.

—Que hei-de eu dizer-lhe de novo sobre o assunto?

—V. ex.ª torna novo tudo quanto diz...

—Que a Cruz Vermelha não tem dinheiro? Que, por isso, a sr.ª condessa de Burnay pediu a sua filha e minha sogra, a sr.ª D. Sofia Melo Breyner, que se encarregasse da festa? Mas isso já os senhores o sabem.

—Desejavamos, porém, que nos fornecesse pormenores, detalhes...

—Lisboa foi dividida por bairros. Em cada um deles uma senhora toma a responsabilidade da organização do respectivo grupo e da recolha dos donativos. Aqui coube-me esse encargo.»

Um pormenor: é este grupo que toma á sua conta o Chiado e mail'os seus *dandys*.

—V. ex.as contam com muitos auxilios?

—Em todos temos visto a melhor vontade. Todas as senhoras convidadas aceitaram.

—E renderá muito a Festa?

—A do ano passado rendeu 30 contos. Este ano não sei. E' tudo tão contingente. Em todo o caso, espero que se obterá ainda mais. Ha grande entusiasmo...

Leitor: prepara ámanhã o teu melhor fatinho, escova as lapelas—que elas desejariam multiplicar até ao infinito—e sai para a rua cedinho, algumas cedulas na carteira. Aí pelo meio-dia, o teu peito parecerá um jardim cujas rosas, como as dessa Rainha que foi santa, se transformarão em pão—que pão é tudo o que o corpo e o espirito exigem.

Não te esqueças, leitor. Amanhã, de manhãsinha, cedo...

O "DIARIO DE LISBOA" Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

TOLDOS

Para estabelecimentos, janelas, terraços, embarcações, jardins e praias

EXECUÇÃO, REPARAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

ENCERADOS

Para vagons, camions, barcos, maquinas e carroças

VENDA E ALUGUER

Aparelhos em navios e ascensores. Costuras em cabos de linho, pita e arame.

Balões para defença, boias salva-vidas, coletes de salvação, etc.

Redes para Tenis e Foot-Ball, Lonas, Brins, Colões, Bandeiras, Cabos e mais aprestes para embarcações.

A ACTIVA

RUA 24 DE JULHO, 8, 8-A, 8-B

FUNDADA EM 1884

Telefo[illegible]-C. 3474 e 1601 — Telegramas ACTIVA

Tel. C. 5534 **ARMAZENS DA MODA, L.da** Tel. C. 5534

LANIFICIOS PARa HOMENS E SENHORAS

SECÇÃO DE ALFAITARIA

GRANDE SORTIMENTO EM TODAS AS QUALIDADES

LIQUIDAÇÃO DE RETALHOS DE BOAS FAZENDAS DE LÃ PARA VESTIDOS

FORNECIMENTO DIRECTO DA FABRICAS

180, RUA DOS FANQUEIROS, 186

(EM FRENTE DA RUA DA VITORIA)

LISBOA

CORREIAS

De couro, balata e pêlo de camelo

ACABA DE CHEGAR UMA

ENORME REMESSA

de correias de todos os generos, da importante fabrica «Etablissements Léon Lobet» *de Verviers, Belgica*

C. ACHON, LIMITADA

Deposito—RUA DE S. PAULO, 134, 136

Escritorio—RUA DOS SAPATEIROS, 39, 1.º

OS MELHORES CALÇADOS

CLARK

A' VENDA NA

Sapataria Contente L.da

Rua do Carmo, 74

Especialidade em Formas Americanas

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios Quintino Ltd.ª. Tel. N. 3285. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

INSTITUTO COMERCIAL

PEREIRA DE SOUSA

FUNDADO EM 1899

RUA NOVA DO ALMADA, 53

CLASSES ESPECIAIS DE HABILITAÇÃO RAPIDA PARA GUARDA-LIVROS E CLASSES GERAIS DIURNAS E NOCTURNAS. Por terem concluido os cursos alguns alunos, ha ainda algumas vagas por preencher. Pedir programas e condições.

Não confundir este antigo e acreditado Instituto com outras escolas com o mesmo titulo ou apelido.

DENTADURAS

CONCERTAM-SE EM 4 HORAS

Rua da Palma, 40-1.º

Bernardino Nunes

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA-ALTA
CANAS

AOS QUE SOFREM

Cura radical da: **Bronquite, doenças do coração,** flebitos, peles, gota e reumatismo artritico

AS MELHORES DA EUROPA

Hotel de 1.ª ordem

ABERTURA 1.º DE JUNHO

Informações: RUA DO OURO, 275

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.ª

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

PAPELARIA VIUVA MARQUES

ARTIGOS PARA ESCRITORIO

Sortimento completo de livros para escrituração comercial. Preços modicos.

36, Rua do Ouro—Telefone: 267

Galeria Parisiense

—DE—

M.me OTERO

Sempre Chapeus Modelos

42—Rua Garrett—42

(Frente á Rua Ivens)

Telefone Central n.º 1381

LISBOA

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"

Rua Luz Soriano, 48

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Esta Companhia recebe propostas para o fornecimento de dez mil toneladas (10.000) de carvão meudo das minas do Almirantado para entrega durante o mês de Junho.

As condições do fornecimento estão patentes na Divisão do Material e Tracção (Serviço dos Armazens) no edificio da estação de Santa Apolonia.

Lisboa, 20 de Maio de 1922.—O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE EERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 5 de Junho proximo futuro e dias seguintes, ás 11 horas, por intermedio dos agentes de leilões srs. Casimiro Candido da Cunha & Sobrinho, Sucessores, na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A. n.º 1 de Fevereiro de 1920, e do Artigo 112.º da Tarifa Geral, proceder-se-há á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prasos, bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatarios, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu debito á Companhia, para o que deverão dirigir-se á Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias uteis, até 3 do referido mês de Junho, inclusivé, das 10 ás 16 horas.

O leilão realiza-se no novo Armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolonia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 18 de Maio de 1922.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"

Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

O "Diario de Lisboa„ no Brasil

O nosso correspondente e representante no Rio de Janeiro e S. Paulo é o sr. Domingos José Cardoso, com escritorio na primeira destas cidades, na rua das Andradas, 40, para onde todos os nossos amigos, colaboradores, anunciantes e assinantes do Brasil podem enviar as suas ordens.

Este nosso representante possue um serviço completo de informações sobre preços de publicidade, assinaturas e tudo que diz respeito ao «Diario de Lisboa»

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

O CAOS IRLANDÊS

1.500

"sinn-feiners" presos durante uma batida em seis condados situados ao norte da Irlanda

O exercito republicano

foi banido, pelo governo do Ulster, dos seus territorios

BELFAST, 23

Em seguida ao assassinato na segunda-feira do membro do parlamento do Ulster sr. Twaddell, alguns milhares de soldados do governo do norte da Irlanda deram uma grande batida em seis condados, a maior que até hoje se fez na Irlanda, tendo capturado 1:500 «sinn-feiners». Em seguida o governo do Ulster publicou uma proclamação banindo como ilegais do seu territorio o exercito republicano irlandês, a irmandade republicana irlandesa e outras associações congeneres.—(R.)

O governo inglês vai reunir com De Valera e Collins?

LONDRES, 24

Reuniu-se ontem o conselho de ministros por causa da situação na Irlanda que é considerada muito grave.

Parece que o governo deseja que o mandado para o tratado seja dado pela maioria do eleitorado da Irlanda do sul, o que não é possivel aos termos do acordo celebrado entre De Valera e Collins que não parece que venha a obter a aprovação da população do sul.

Todos estes pontos devem ser esclarecidos numa conferencia que se realiza em Londres no fim desta semana.—(R.)

Os atentados dos «sinn-feiners» continuam

LONDRES, 24

Têm sido numerosas as atrocidades cometidas pelos «sinn-feiners» na região sul do Ulster. Queimaram casas, dinamitaram casernas, destruiram vias ferreas e derrubaram postes dos telegrafos e dos telefones.

Um grupo muito numeroso atacou o castelo de Shanes, habitado por lord O'Neill pai do presidente do parlamento do Ulster. Os «sinn-feiners» lançaram fogo á esse castelo tendo-o destruido completamente. Lord O'Neill que conta 80 anos de idade e sua esposa foram salvos pelos seus visinhos. (U. P.)

O dia do Imperio em Inglaterra

LONDRES, 24

Celebra-se hoje em toda a Inglaterra o dia do imperio.—(R.)

COLISEU DOS RECREIOS

Ámanhã — Quinta-feira — Ámanhã

Estreia

da celebre cançonetista mexicana e — transformista original, señorita —

Zorondo La Bella

que, de passagem por Lisboa, regressada da America do Norte onde obeteve um extraordinario sucesso dará apenas

1 — Unico espectaculo — 1

ARTE ELEGANCIA LUXO

DEPOIS DE GENOVA...

O que se irá passar em Haia?

A atitude dos industriais franceses

e como pensa a Belgica aceitar os delegados russos

Será preciso que muitas vozes como a do industrial, cujas declarações ontem reproduzimos, se façam ouvir em França, para que esta, na Haya, tome uma orientação diferente da de Genova. Será preciso que os industriais e os homens de negocio se imponham aos politicos para que estes abandonem um procedimento que está prejudicando toda a Europa, mas cujos prejuizos para a França só serão reconhecidos quando dentro de alguns anos ela pouco ou nenhum pêso representar na balança mundial. Isto será a consequencia fatal do isolamento que infalivelmente lhe acarretará a sua politica.

Mas os industriais franceses terão já uma noção clara dos seus verdadeiros interesses e poderão exercer uma acção eficaz dentro do curto espaço que nos separa da conferencia de Haya? E' licito duvidar, porque isso seria quasi um milagre.

* * *

Em Genova, quando a ruptura esteve iminente, Barthou não se atreveu a romper negando a sua assinatura ao «memorandum».

Com o procedimento de Jaspar, representante da Belgica, talvez o governo francês tivesse cedido, e a esta hora a França sentir-se-ia arrastada no caminho da Europa.

A acção de Jaspar teve uma lamentavel repercussão no futuro, aparecendo como um acto de heroismo e de consciencia á França, que sentiu remorsos de ter podido hesitar nos mais secretos escaninhos do seu intimo.

Jaspar considera o seu acto como um acto de suprema justiça e legalidade, não atendendo para o julgar ao momento historico. Dessa consciencia que tem do seu acto, tira a coragem necessaria para o manter através de todas as consequencias e argumentos. O seu procedimento, e isto tambem aos olhos da Belgica e da França, aparece-lhe tanto mais grandioso e heroico, quanto a Belgica é mais pequena. Equiparam esta batalha do bom senso e da cegueira a Verdun, e defendem o seu ponto de vista com a mesma coragem.

E, assim, ainda que os industriaes francêses falassem bem alto, é duvidoso que consentissem abandonar a Belgica, cujo representante, Gaspar, já declarou solenemente:

A Belgica não consentirá em encontrar os russos na Haya, se a tese belga não fôr aceite primeiramente por eles, como base de negociações.

* * *

Quanto a reparações a opinião da França não parece ter mudado sensivelmente.

Klots, o economista francês que fixou a totalidade das reparações numa quantia de cêrca de 10 vezes mais do que a indicada por um outro economista francês, e que conseguiu que a sua cifra fosse adoptada, contra as indicações de bom senso de alguns francêses, da Inglaterra e da America, escreveu uma carta a Poincaré, preguntando-lhe, se o direito da França a proceder militarmente, sósinha, contra a Alemanha fora derogado pelos entendimentos dos aliados depois do incidente de Francfort, conforme Chamberlain anunciára na Camara dos Comuns.

A esta carta de Klotz, respondeu Poincaré dizendo que nenhuma convenção dos aliados podia derogar a lei da nação decretada pelo Parlamento, e que se em 31 de Maio a Alemanha faltasse ao que lhe fôra estipulado, a França uzaria dos seus direitos, a que não saberia renunciar.

O parlamento francês vai realizar e é natural que não deixe de discutir um assunto desta magnitude, em que a França se arrisca a proceder contra a vontade de todas as nações.

Mas, por emquanto, não ha indicios de que a França se disponha a abandonar o que considera os seus direitos.

CAMBIOS E BOLSA

SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO

Compra e venda ás melhores taxas

EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Pancada, Morais & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Telefone C. 3033 — **SOUZA, MOURA & C.ª, L.da** — End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

AVANT LA GUERRE

ACABA

de se publicar o segundo volume do "livro amarelo" sobre a politica francesa nos Balkans

A Inglaterra e a França

em 1912 e em 1913 estiveram sempre em bôa harmonia

PARIS, 24

O ministerio dos negocios estrangeiros acaba de publicar o 2.º volume do «Livro Amarelo» sobre a politica francesa nos negocios balcanicos de 1912 a 1914, relativa á segunda guerra balcanica, que vai desde o armisticio de Tchataldja em 3-12-912 até ao tratado de Bucarest em 10-8-913. Em todo este periodo a França esteve em contacto constante com a Inglaterra, combinando ao mesmo tempo a sua acção com a da Russia. A França multiplicou os seus esforços em favor da manutenção da paz, sustentando de preferencia os estados balcanicos que lutam pela manutenção dos tratados anteriores. Sem se afastar da fidelidade aos principios das nacionalidades a França seguiu uma politica de União balcanica e união europeia, mas a Alemanha multiplicava já nos Balkans, contra a Entente, as intrigas que foram assinaladas por diversos agentes franceses na Europa—H.

Em armazem

Moinhos para cereais com mós francesas

Mós francesas LA FERTÉ

Aparelhos para limpesa de cereais

Bandejas para trigo

Escovadores para trigo

Crivos Marot legitimos

Ventoinhas para arrefecimento das mós

Remolhadores automaticos

Etc., etc., etc.

John M. Sumner & C.ª

Sucessor

JOSÉ J. TEIXEIRA

Avenida da Liberdade, 29, 37

LISBOA

O «Diario de Lisboa» vende-se em Paris na «Portugaise Publicité», Boulevard Magenta, 30.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

Azeite mais barato

Um gatuno que finge de benemerito e que foge do calabouço com "licença" da policia

Uma noticia de policia com o seu quê de curiosidade.

Aqui ha coisa de semanas, os civicos levaram para um dos calabouços do governo civil um individuo que se chama Mario Franco e tinha casa assente na rua das Salgadeiras, numero tantos. O Franco, parece que bastante novo ainda, havia-se especializado de tal modo em negocio de roubalheiras, que, dentro em pouco, conseguiu que os homens que fazem os cadastros o ascendessem á categoria de gatuno dos mais temiveis.

Tinha, porém, um «modus faciendi» original. Andava a vender azeite mais barato pela casa de cada um. Quando aparecia a propôr a transacção, era recebido por toda a gente como um autentico benemerito. Estás a vêr. Um homem que vai a nossa casa para nos vender por um preço acessivel uma coisa que está nas lojas pela hora da morte, chega a parecer uma providencia.

Mas o negocio do azeite era apenas um modo novo de roubar com suas causas na sanha de expoliação de certos negociantes de secos e molhados.

O Franco, posto á vontade—vá lá desconfiar de tão generosa alma!—aproveitava a primeira distracção dos visitados para surripiar quanto lhe ficava á mão. Não escolhia. Roupas, objectos de ouro ou prata, tudo era para ele apropriavel.

As queixas deram em acumular-se, os roubados iam sendo multidão, e o falso comerciante de azeite foi mandado, como era logico, para o Limoeiro. Entretanto, as investigações iam proseguindo; ontem, o agente Pereira dos Santos quiz ouvir o azeiteiro a respeito de novas queixas recebidas na policia. Foram buscá-lo outra vez para o governo civil, meteram-no num calabouço onde havia mais presos á espera que os «chamassem a preguntas».

Hoje, uma senhora foi visitar um desses outros presos. Muniu-se, para isso, de uma senha de entrada regulamentar.

E o que faz o Franco do azeite? Procura e consegue apoderar-se da senha, e, disfarçado de visitante, vem-se embora do calabouço com o ar mais natural deste mundo.

Aonde terá ele ido, agora, vender o azeite?

ASSISTENCIA DE LISBOA

Uma festa na provedoria

Presidida pelo sr. dr. Antonio José de Almeida, realiza-se ámanhã, como noticiámos, na Provedoria da Assistencia de Lisboa, uma sessão solene comemorativa do 11.º aniversario da promulgação da lei reorganizadora, dos serviços da Assistencia Publica. Falarão, entre outros oradores, os srs. drs. Antonio José de Almeida e Vasco Borges e o provedor sr. José Pais de Vasconcelos Abranches.

Uma orquestra executará varios trechos de musica, representando-se a peça em um acto, «Primavera em flôr», musica e letra de Alvaro F. Baltar Monteiro.

A TARDE PARLAMENTAR

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

"de profissão domestica, madrinha de um baptisado"

OS FAMINTOS DE CABO VERDE

Desde que qualquer outro assunto não venha protelar a continuação do debate sobre o orçamento do ministerio da Guerra, esse documento deve ficar votado hoje, com todas as correcções nele introduzidas pela respectiva comissão regimental da Camara.

* * *

Afirma-se que os correligionarios do sr. Velhinho Correia não ficaram satisfeitos com a ideia que o referido deputado teve de elaborar um projecto pelo qual, mesmo sem consulta parlamentar, seriam imediatamente postos em execução as propostas de finanças.

* * *

Algumas dessas representações constatam a impossibilidade de se cumprir o programa na parte em que ele obriga a seis horas lectivas por dia, o que, de facto, não é pedagogico, nem pode materialmente observar-se nas escolas em que funcionam aulas de manhã e á tarde.

* * *

A chamada faz-se ás 15,5, sob a presidencia do sr. Nunes Loureiro, respondendo 58 deputados.

* * *

O sr. ministro dos estrangeiros enviou para a mesa a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º — E' o governo autorizado a renunciar por um periodo de 20 anos aos privilegios que o tratado assinado em St. Germain-en-Laye em 10 de setembro de 1919 entre as potencias aliadas e associadas e a Austria, lhe confere com respeito ás reparações.

Artigo 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.

* * *

A's 16 e 30 ainda não se entrou na Ordem do dia. Discute-se o aumento de emolumentos aos funcionarios do registo civil. Falaram os srs. Diniz da Fonseca, que secundou as palavras ontem pronunciadas pelo sr. Lino Neto e o sr. Amadeu de Vasconcelos.

O sr. Lino Neto, sentado no «fauteuil» que fica á rectaguarda daquele ultimo orador, interrompe constantemente o seu discurso com frases ironicas, por meio das quais deseja demonstrar a incapacidade intelectual dos oficiais do registo civil.

O sr. Amadeu de Vasconcelos, que é oficial do registo civil e o afirmou em voz alta a toda a Camara, lê a certa altura uma certidão de baptisado, copiada do registo religioso apreendido á freguesia de S. João da Praça. Nessa certidão, que é do ano de 1879, e foi passada pelo prior João Fernandes Sampaio, lê-se o seguinte:

«Serviu de madrinha Nossa Senhora da Conceição, solteira, de profissão domestica, prima do baptisado e moradora na casa do dito. Só assinou o padrinho porque a madrinha não sabe escrever.»

Toda a Camara ri ruidosamente. Nem mesmo o sr. Lino Neto conseguiu furtar-se a uma gargalhada.

* * *

O sr. Alvaro de Castro trata, em breves palavras, da situação dos famintos de Cabo Verde e pregunta ao sr. ministro das Colonias se tem sido cumpridas as disposições tomadas para atenuar o terrivel mal.

NO SENADO

A mesa é constituida pelos srs. Gaspar de Lemos, presidente; Ramos Pereira e Fernandes de Almeida, secretarios.

O sr. Vasco Marques pede providencias para a forma irregular como se pretende realizar o acto eleitoral na Camara de Lisboa.

O sr. ministro do interior dá explicações que satisfazem o orador.

O sr. Tomás de Vilhena protesta novamente contra o facto de ainda continuar a exercer o cargo de presidente da Junta Geral do Distrito de Castelo Branco, o actual governador da mesma cidade.

O sr. Ribeiro de Melo estranha que ainda não tivesse sido publicado o decreto que manda condecorar os oficiais que tomaram parte na revolução que implantou a Republica em Portugal; trata dos acontecimentos de 19 de Outubro e, em especial, da prisão dos oficiais que se encontram em S. Julião da Barra e do seu mau tratamento neste presidio.

A União dos Operarios Panificadores

pede melhoria de situação

Reuniram hoje na séde da sua associação de classe, os caixeiros, fiscais e forneiros da Companhia Industrial de Moagem, para resolveram a melhor forma de conseguirem da direcção da companhia melhoria de situação economica.

Depois de terem falado varios oradores, foi resolvido nomear uma comissão para ir ámanhã aos escritorios da companhia, ás 14 horas, entregar uma petição solicitando um aumento de 15$00 para todo o pessoal, nos seus actuais vencimentos.

Uma vaca trucidada pelo comboio

Os chifres do animal iam determinando um grande desastre

Quando hoje seguia em direcção a Lisboa o comboio rapido de Cascais que, segundo a tabela, chega ao Cais do Sodré ás 9,50, no troço de linha de entre Parede e Cai Agua meteu-se-lhe pela frente uma vaca, numa passagem de nivel. O animal, colhido pela maquina, foi arrastado até cerca de cincoenta metros de distancia, esfrangalhado, feito em pedaços, horrivelmente trucidado.

A cabeça, que a locomotiva decepára, ficou uns metros atrás, num dos «rails» com os chifres a embaraçar o rodado do comboio, do que resultou descarrilar a carruagem que seguia atrelada imediatamente á maquina.

Não houve, desastres pessoais, sobretudo porque o maquinista, havendo-se com pericia e sangue frio, soube deter a tempo o comboio.

Durante todo o dia tem sido necessario fazer no local um serviço de transbordo dos passageiros.

O caso da Faculdade de Medicina

Reunião do conselho

O Conselho da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, reunido pela primeira vez depois da sessão de 29 de abril, sob a presidencia e por convocação do reitor da Universidade, resolveu perfilhar inteiramente a doutrina da moção votada pelo Senado Universitario de Lisboa, na sessão de 4 de maio, sobre a questão que provocou o movimento da nossa Faculdade; e agradecer o valioso apoio do Senado e dos Conselhos das Faculdades da Universidade de Lisboa, do Senado Universitario de Coimbra, da Faculdade de Medicina do Porto, Escola Superior de Medicina Veterinaria.

DE LUTO

Benjamim Chaves

Com 84 anos de idade, faleceu hoje o antigo sub-inspector das Alfandegas sr. Benjamim Chaves, pai dos srs. Benjamim Chaves Junior, oficial do ministerio da Agricultura, cunhado do sr. conselheiro Pedro Roberto da Cunha e Silva, director geral dos serviços florestais, e sogro e tio dos antigos ministros da Marinha e das Finanças srs. João Manuel de Carvalho e Francisco Rego Chaves. O funeral realiza-se amanhã da residencia do extinto—rua da Penha de França—para o cemiterio Oriental. Os nossos cumprimentos de pezame á familia enlutada.

Malas postais

Amanhã são expedidas malas postais, pelo «Wiganda», para a Madeira, Las Palmas, Angola e Congo, e pelo «Curvelo», para a Madeira, Pernambuco, Pará, Manaus, Baía, Rio de Janeiro e Santos, sendo ás 8 e 9 horas, respectivamente, a ultima tiragem da Caixa Geral.

Por causa dos telefones

Parece que as instancias oficiais tambem vão queixar-se das irregularidades do serviço

Consta que vai ser oficialmente recomendado ao respectivo comissario do govêrno, que chame a atenção da direcção da Companhia dos Telefones, para as continuas irregularidades praticadas pelas telefonistas das duas estações, especialmente da do norte. Com os proprios serviços dos ministerios, as telefonistas descuram os seus deveres não prestando atenção ás chamadas ou fazendo as ligações erradas ou ainda interceptando abruptamente as comunicações, tal qual como sucede, em maior escala, com os particulares. Parece que será sugerido á Companhia a necessidade de serem substituidas por pessoal competente e cumpridor das suas obrigações, as telefonistas que são incompetentes e desleixadamente estão procedendo.

As "Florinhas da Rua"

A recita no S. Luis

E' já depois de amanhã que se realiza no teatro de S. Luis, a festa a favor das «Florinhas da Rua», a qual promete ser o acontecimento mundano do fim da temporada.

Representam-se os 2 primeiros actos de «A Moreninha», a famosa opereta do nosso querido camarada D. José Paulo da Camara e de Luna de Oliveira.

Haverá tambem um acto no qual tomam parte, alêm dos principais artistas do S. Luis, os distintos amadores Luís da Gama, Luís e Pedro de Freitas Branco, Chico Redondo, Luna de Oliveira, Alves da Costa e outros.

Os bilhetes estão em poder da sr.ª D. Maria Monteiro de Almeida, rua do Alecrim, 70, telefone C. 491.

ENTRE MONARQUICOS

Do sr. Manuel Marques Mano recebemos a seguinte carta:

Sr. director do *Diario de Lisboa*. — Publicou ontem o seu brilhante jornal uma entrevista sobre o pacto de Paris com um membro do grupo *Restauração*. Devo informar v. que nenhum dos três membros do grupo *Restauração*, que se encontram em Lisboa, concedeu alguma entrevista a quem quer que seja, e que a entrevista publicada não é rigorosamente exacta.

Como tal entrevista contém inexactidões importantes não só sob o ponto de vista politico mas pessoal, realçando uma frase nela atribuida ao sr. conselheiro Ayres de Ornelas e que S. Ex.ª não pronunciou, rogo a V. publique este indispensavel esclarecimento, o que já agradeço, reconhecendo mais uma vez a extrema lealdade e correcção que ao *Diario de Lisboa* tenho sempre devido. Aceite V. os protestos da minha mais alta consideração. — De v. etc. — *Manuel Marques Mano*.

Café Restaurant Roma, L.da

Um estabelecimento de primeira ordem

Era uma casa bem afreguesada o antigo restaurant Flôr de S. Roque, da rua do Mundo 100-104, que há alguns meses se encontra fechado por motivo de obras. A sua falta tem sido muito sentida por todos os bons «gourmets» que estavam habituados a saborear ali os mais apetitosos piteus. Pois o restaurant Flôr de S. Roque vai reabrir completamente transformado na sua estrutura, apresentando aspectos de modernismo, confôrto e bom-gosto verdadeiramente admiraveis.

Tem duas salas de jantar, uma delas no primeiro andar do predio, e excelentes gabinetes reservados.

Passa a chamar-se Café Restaurant Roma, Limitada. Os seus proprietarios já contractaram, não se preocupando com despesas, pessoal de cozinha habilitadissimo. O pessoal de mesa foi escolhido a capricho.

O Café Restaurant Roma, Limitada, que muito brevemente reabrirá, possue todos os elementos para proporcionar ao publico um serviço de primeira ordem.